



SARAH
MACLEAN

Autora Vencedora do Prémio RITA
Melhor Romance Histórico

11 ESCÂNDALOS
PARA PRENDER O CORAÇÃO
DE UM DUQUE

JULIANA FIORI NÃO É UMA MULHER COMO AS OUTRAS.
ELA É APAIXONADA, IMPETUOSA, CONFIANTE,
E TEM UM DELICIOSO SOTAQUE ITALIANO.

TOP
SEL
LER

*Para a Carrie,
com amor e gratidão.
Obrigada por me levares
de volta às origens.*

*Um momento com uma mulher impetuosa
vale mais do que onze anos de uma vida aborrecida.*

PROVÉRBIO ITALIANO

Capítulo 1



As árvores não passam de um dossel para os escândalos.
As damas requintadas permanecem em casa depois do anoitecer.

Tratado sobre as Damas Mais Requintadas

Ouvimos dizer que as folhas não são a única coisa a cair nos jardins...

The Scandal Sheet, outubro de 1823

Em retrospectiva, havia quatro ações que a menina Juliana Fiori deveria ter reconsiderado naquela noite.

Para começar, devia ter ignorado o impulso de abandonar o baile de outono da sua cunhada para se aventurar nos jardins da Ralston House, um lugar menos abafado, mais fragrante, mas muito menos iluminado.

Em segundo lugar, deveria ter pensado duas vezes quando esse mesmo impulso a impeliu a adentrar-se nos sombrios caminhos que bordeavam a casa do irmão.

E em terceiro, deveria ter regressado ao interior da casa quando se deparou com Lorde Grabeham, completamente ébrio, incapaz de se segurar nas pernas e a declarar coisas muito pouco cavalheirescas para comigo.

Ainda assim, não lhe devia ter batido.

Pouco importava que ele a tivesse puxado para si e a tivesse obrigado a sentir o seu bafó quente e empestado a úisque ainda por cima, ou que os seus lábios frios e húmidos tivessem desajeitadamente encontrado o arco da sua bochecha, nem que ele tivesse sugerido que *ela iria gostar tal como a sua mãe*.

As senhoras não batiam em ninguém.

Pelo menos, não as damas inglesas.

Ficou a ver o suposto cavalheiro gritar de dor e arrancar um lenço do bolso, cobrindo o nariz e manchando de vermelho o imaculado linho branco. Estacou, sacudindo a mão distraidamente ao mesmo tempo que o medo a consumia.

Aquilo ia acabar por se saber. Não demoraria muito a transformar-se num «acontecimento».

E pouco interessava que ele o tivesse merecido.

Que outra coisa poderia ela ter feito? Permitido que ele a maltratasse enquanto esperava que um salvador aparecesse por entre as árvores? Era mais provável que qualquer outro homem que estivesse no jardim àquela hora fosse um acoassador e não um salvador.

Contudo, acabara de confirmar todas as intrigas que inventavam a seu respeito.

Ela nunca seria um deles.

Juliana levantou a cabeça e olhou para o escuro dossel formado pela copa das árvores. Alguns minutos antes, o restolhar das folhas havia-lhe prometido um descanso do aborrecimento do baile. Naquele momento, o ruído atormentava-a — como o eco dos sussurros no interior dos salões de baile em toda a cidade sempre que ela passava.

— Bateu-me! — O grito do homem gordo soou demasiado alto, nasalado e indignado.

Juliana levantou a sua latejante mão e empurrou um caracol de cabelo para trás da orelha.

— Se voltar a aproximar-se de mim, receberá mais do mesmo!

O homem continuou a olhá-la fixamente enquanto limpava o sangue do nariz. A raiva estampada no seu olhar era mais do que evidente.

Conhecia aquele sentimento. Sabia o que significava.

Juliana preparou-se para o que estava para vir.

O sofrimento foi o mesmo.

— Vai arrepende-se disto. — O homem deu um passo ameaçador na sua direção. — Farei com que toda a gente acredite que implorou por esse beijo. Aqui, no jardim do seu irmão, como a mulher fácil que é.

Uma dor penetrante instalou-se na sua têmpora. Deu um passo atrás, abanando a cabeça.

— Não — disse, estremecendo ao ouvir o seu sotaque italiano, que há tanto tempo se esforçava por dominar. — Ninguém vai acreditar em si.

As palavras soaram vazias, até para os seus ouvidos.

Claro que acreditariam nele.

Lorde Grabeham leu o pensamento e soltou uma gargalhada bem audível e furiosa.

— Por certo não pensará que acreditarão em si. Quase ilegítima. Tolerada apenas porque o seu irmão é um marquês. É impossível que *ele* acredite em si. Não é em vão que dizem tal mãe, tal filha.

Tal mãe, tal filha. Por muito que tentasse, aquelas palavras eram uma bofetada impossível de evitar.

Juliana levantou o queixo e endireitou as costas.

— Não lhe darão crédito — repetiu ela, desejando que a sua voz não tremesse —, porque ninguém acreditaria que eu me sentisse atraída por um *porco*.

Ele demorou alguns segundos a traduzir do italiano para o inglês, a processar o insulto. Quando o fez, o termo *porco* pairando entre ambos nas duas línguas, Lorde Grabeham alcançou-a com as suas mãos sapudas, de dedos como salsichas.

Embora fosse mais baixo do que ela, compensava essa diferença com uma força bruta. Os seus dedos cravaram-se no pulso da jovem com uma violência que prometia deixar nódoas negras, e Juliana torceu o braço para se libertar, ficando com a pele a arder. Sibilou de dor e agiu por instinto, agradecendo ao criador por ter aprendido a lutar com os rapazes da zona ribeirinha de Verona.

O seu joelho ergueu-se com toda a força, atingindo o seu alvo com precisão e crueldade.

Grabeham deixou escapar um rugido e afrouxou a mão o suficiente para ela conseguir libertar-se.

E, então, Juliana fez a única coisa que lhe ocorreu.

Fugiu.

Levantando as saias do seu reluzente vestido verde, atravessou os jardins, evitando a luz que se derramava do interior do enorme salão de baile, sabendo que ser vista a correr vinda da escuridão poderia ser ainda mais nocivo do que ser apanhada pelas garras do abominável Grabeham... que havia recuperado com uma alarmante celeridade. Conseguia escutá-lo a avançar pesadamente no seu encaço, atravessando uma sebe bastante espinhosa e respirando com dificuldade.

Aquele som espicçou-a ainda mais e saiu em passo rápido pelo portão lateral que dava acesso às estrebarias adjacentes à Ralston House, onde uma série de carruagens aguardavam em fila para levar os seus proprietários de volta a casa. Juliana tropeçou em qualquer coisa saliente e caiu, aterrando no empedrado e esfolando as mãos. Amaldiçoou-se por ter decidido descalçar as luvas ao sair do salão de baile — por mais incômodas que fossem, a pelica ter-lhe-ia poupado umas quantas gotas de sangue naquela noite. O portão de ferro fechou-se atrás de si, e Juliana hesitou por instantes com a certeza de que aquele som atrairia a atenção de alguém. Olhou em redor e viu um grupo de cocheiros absortos num jogo de dados no extremo oposto do beco; nenhum deles mostrava o menor interesse nela. Voltando-se para trás, viu Grabeham marchar em direção ao portão.

Era como um touro a investir contra o capote vermelho; tinha poucos segundos antes de ser corneada.

As carruagens eram a sua única esperança.

Com um débil sussurro tranquilizador em italiano, deslizou para trás das enormes cabeças de dois garanhões negros e avançou em passo apressado por entre uma fila de carruagens. Ao ouvir o portão abrir e fechar com estrépito, Juliana estacou, sem fôlego, atenta a qualquer som que denunciasses a aproximação do mencionado predador.

Todavia, o bater do seu coração impedia-a de ouvir fosse o que fosse.

Sem fazer barulho, abriu a porta de um dos desconumais veículos e içou-se para o interior sem a ajuda de nenhum estribo. Ouviu um rasgão quando o vestido ficou preso numa esquina afiada e ignorou a pontada de decepção ao mesmo tempo que puxava as saias

para o interior da carruagem e estendia o braço para fechar a porta o mais silenciosamente que conseguia.

O cetim verde salgueiro havia sido um presente do irmão — uma cedência ao ódio de Juliana pelos vestidos pálidos e cerimoniais usados pelas damas solteiras da sociedade. E agora estava rasgado.

Sentou-se no chão da carruagem, com os joelhos encostados ao peito, e deixou que a escuridão a rodeasse. Desejando que a sua respiração acalmasse, esforçou-se por ouvir algo, *qualquer* som que quebrasse aquele silêncio abafado. Resistiu à vontade de se mover, temendo chamar a atenção para o seu esconderijo.

— *Tego, tegis, tegit* — murmurou em voz baixa, a relaxante cadência do latim ajudando-a a concentrar-se. — *Tegimus, tegitis, tegunt*.

Uma indistinta sombra passou por cima dela, ofuscando a fraca luz que salpicava o interior da luxuosa carruagem. Juliana ficou imóvel por segundos, antes de procurar refúgio num canto do habitáculo, encolhendo-se o máximo que foi capaz — uma tarefa difícil tendo em conta a sua altura pouco comum. Aguardou, desesperada, e quando a ténue luz voltou a iluminar a carruagem, engoliu a saliva, fechou os olhos com força e soltou lentamente um grande suspiro.

Agora em inglês.

— Eu escondo-me. Tu escondes-te. Ele esconde-se...

Susteve a respiração ao ouvir várias vozes masculinas e rezou para que passassem ao largo e, por uma vez, a deixassem em paz. Quando o veículo balançou com o movimento de um cocheiro que subia para o seu lugar, Juliana percebeu que as suas preces iriam ficar sem resposta.

Lá se vai o meu esconderijo.

Praguejou, o epíteto um dos mais pitorescos da sua língua materna, e considerou as suas opções. Grabeham podia andar por ali a rondar, mas até a filha de um mercador italiano, recentemente chegada a Londres, sabia que não poderia aparecer à porta da casa do irmão na carruagem de sabia Deus quem sem provocar um escândalo de proporções épicas.

Decisão tomada, levou a mão ao puxador da porta e mudou o peso do corpo enquanto reunia a coragem necessária para sair dali

— para se lançar para fora do veículo pelo empedrado e correr até à sombra mais próxima.

E foi então que a carruagem começou a andar.

E sair dali deixou de ser uma opção.

Por instantes, Juliana ainda pensou em abrir a porta e saltar da carruagem, mas nem ela era assim tão temerária. Não queria morrer. Desejava apenas que o chão se abrisse sob os seus pés e a engolisse, juntamente com a carruagem. Era pedir muito?

Depois de inspecionar o interior do habitáculo, deu-se conta de que o melhor era voltar a sentar-se no chão e esperar que o veículo parasse. Assim que isso acontecesse, sairia pela porta mais afastada da casa fazendo figas para que ninguém a visse.

Alguma coisa tinha de correr bem naquela noite. Com um pouco de sorte, disporia de alguns segundos antes que os aristocratas descessem a escadaria.

Respirou fundo quando a carruagem se deteve. Elevou-se um pouco... levando a mão à maçaneta... pronta para saltar.

Todavia, antes de conseguir sair, a porta do outro lado abriu-se, deixando entrar uma violenta rabanada de ar. Os olhos de Juliana desviaram-se para o corpulento homem que se encontrava de pé diante da porta.

Oh, não.

Embora a iluminação exterior da Ralston House brilhasse atrás dele, deixando o seu rosto mergulhado em sombras, o modo como a luz cálida e amarela iluminava a melena de caracóis dourados, transformando-o num anjo obscuro expulso do Paraíso por se recusar a devolver a sua auréola, não deixava margem para dúvidas.

Juliana sentiu uma subtil mudança na atitude do homem, uma tensão quase impercetível nos seus largos ombros, e percebeu que tinha sido descoberta. Também sabia que devia estar grata pela sua discrição quando fechou a porta, eliminando assim a possibilidade de que outros a vissem. Não obstante, quando ele subiu agilmente para a carruagem, sem a ajuda do estribo ou de um criado, não era bem gratidão aquilo que sentia.

Era uma emoção mais parecida com o pânico.

Engoliu em seco com um único pensamento a ocupar-lhe a mente por completo.

Devia ter arriscado e enfrentado Grabeham.

Pois não havia mais ninguém no mundo que menos desejasse ver naquele preciso instante do que o insuportável e impassível Duque de Leighton.

Não tinha a menor dúvida de que o universo conspirava contra ela. A porta fechou-se com um suave clique, deixando-os a sós.

O desespero tomou conta da jovem, obrigando-a a mover-se em direção à porta, ansiosa por sair dali. Os seus dedos procuraram a maçaneta.

— Se eu fosse a si não fazia isso.

As palavras frias e serenas cortaram a escuridão como um estilete. *Existira um tempo em que ele não havia sido tão distante com ela.*

Antes de Juliana ter prometido a si própria nunca mais voltar a dirigir-lhe a palavra.

Respirou fundo para recuperar a calma, recusando-se a deixá-lo levar a melhor.

— Embora agradeça o seu conselho, Vossa Graça, perdoará se não o seguir.

Agarrou a maçaneta, ignorando a dor que sentiu na palma da mão ao pressionar a madeira, e mudou o peso do corpo para abrir a porta. Ele moveu-se rápido como um relâmpago, cobrindo com o seu corpo a largura da carruagem e mantendo a porta fechada sem grande esforço.

— Não era um conselho.

Bateu duas vezes no teto da carruagem, de maneira firme e sem hesitação. O veículo pôs-se de imediato em movimento, como se a sua mera vontade o governasse, e Juliana amaldiçoou todos os cocheiros obedientes ao mesmo tempo que caía para trás e o seu pé ficava preso na saia do vestido, rasgando ainda mais o cetim. Estremeceu ao ouvir o pano a romper-se, o som demasiado audível na quietude do habitáculo, e passou melancolicamente a mão pelo bonito tecido.

— O meu vestido está arruinado. — Sentiu algum prazer em insinuar que era ele o responsável por aquele contratempo. Não havia a menor necessidade de o informar de que o vestido já estava rasgado muito antes de ele entrar na carruagem.

— Sim. Bem, ocorrem-me várias maneiras através das quais poderia ter evitado semelhante tragédia. — Aquelas palavras não mostravam o menor remorso.

— Não tive muitas opções. — Arrependeu-se de imediato daquele comentário.

Especialmente a ele.

O duque girou a cabeça na direção de Juliana no preciso instante em que um poste de iluminação pública projetou um feixe de luz prateada através da janela da carruagem, deixando o seu rosto em relevo. Ela esforçou-se por não olhar. Tentou não reparar como cada centímetro do seu corpo exibia a marca da sua excelente educação, da sua aristocrática história: o comprido e reto nariz patricio, o perfeito queixo quadrado, as maçãs do rosto elevadas que deviam dar-lhe um aspeto feminino, mas que pareciam apenas torná-lo ainda mais atraente.

Bufou de indignação.

O homem tinha maçãs do rosto absurdamente perfeitas.

Nunca tinha conhecido um homem tão atraente.

— Sim — disse ele, arrastando a palavra —, imagino que seja difícil estar à altura da sua reputação.

A luz desapareceu, substituída pelo aguilhoar daquelas palavras.

Também nunca conhecera uma pessoa que fosse tão imbecil.

Grata pela escuridão do seu canto da carruagem, Juliana retrocedeu perante aquela insinuação. Estava habituada aos insultos, à ignorante especulação que acompanhava o facto de ser filha de um mercador italiano e de uma marquesa inglesa que abandonara o marido e os filhos... e rejeitara a elite londrina.

A última era a única decisão da sua mãe da qual Juliana se sentia orgulhosa.

Gostava de um dia lhes dizer a todos onde podiam enfiar as suas regras aristocráticas.

A começar pelo Duque de Leighton. Que era o pior de todos.

Embora ao início não fosse.

Empurrou aquele pensamento para longe.

— Gostava que mandasse parar a carruagem para que eu pudesse sair.

— Suponho que isto não esteja a correr como planeou.

Ela fez uma pausa.

— Como... planeei?

— Ora, menina Fiori. Acha que eu não sei o que pretendia com o seu pequeno jogo? Descoberta na minha carruagem vazia, o lugar

ideal para um encontro clandestino, nos degraus da casa de família do seu irmão, durante um dos eventos mais concorridos das últimas semanas?

Juliana abriu muito os olhos.

— Crê que eu pretendia...?

— Não. *Sei* que pretendia levar-me ao altar. E a sua pequena confabulação, da qual o seu irmão nada deve saber, tendo em conta a simplicidade, poderia ter resultado num homem menos inteligente e com um título menor. Mas garanto-lhe que não resultará comigo. Sou um *duque*. Num duelo de reputações, eu sairia facilmente vitorioso. Na verdade, se não estivesse em dívida para com o seu irmão, teria deixado que enfrentasse o escândalo à porta da Ralston House. A sua pequena farsa não mereceria outro final.

O duque expressou-se com calma e frieza, como se já tivesse tido aquela conversa inúmeras vezes e ela mais não fosse do que uma pequena contrariedade — uma mosca no seu tépido e insípido consomê, ou o que quer que os snobes aristocratas ingleses comessem com a colher.

O grande arrogante e pomposo...

Furiosa, Juliana cerrou os dentes.

— Se eu soubesse que este era o *seu* veículo, tê-lo-ia evitado com todas as minhas forças.

— É surpreendente como não viu o enorme brasão ducal no exterior da porta.

Aquele homem era exasperante.

— É de facto surpreendente, porque não tenho a menor dúvida de que o brasão da sua carruagem deve rivalizar em tamanho com a sua arrogância! Garanto-lhe, *Vossa Graça* — cuspiu o título honorífico como se fosse um epíteto —, que se desejasse encontrar marido, procuraria alguém com qualquer coisa mais do que um título extravagante e a mania de que é importante. — Deu-se conta do tremor na sua voz, mas já não era capaz de parar a torrente de palavras. — Está tão impressionado com a sua posição social que é um milagre não ter mandado bordar a palavra «Duque» em fio de prata em todos os seus casacos. Pela forma como se comporta, poderia pensar-se que fez alguma coisa para ganhar o respeito que todos estes tolos ingleses lhe professam ao invés de lhe ter sido passado, totalmente por acaso, no momento certo e pelo homem certo

que, imagino, terá levado a cabo a proeza exatamente da mesma maneira que todos os outros homens. Sem o menor refinamento.

Quando Juliana se calou, com o coração a martelar-lhe nos ouvidos, as palavras ficaram suspensas entre ambos, o seu eco pesado na escuridão. *Senza finezza*. Só nesse momento ela se deu conta de que, a determinada altura durante a sua invetiva, tinha começado a falar em italiano.

Só podia esperar que o duque não tivesse compreendido.

Instalou-se um demorado silêncio, um vazio abismal que ameaçou a sua sanidade mental. E então a carruagem parou. Permaneceram sentados durante um instante interminável. Ele imóvel como uma pedra, ela perguntando-se se poderiam ficar ali eternamente, antes de escutar o som do tecido no assento. O duque abriu a porta, escancarando-a.

Juliana assustou-se ao ouvir a voz dele, profunda, obscura, baixa e mais próxima do que imaginava.

— Saia da carruagem.

Ele falava italiano.

Na perfeição.

Juliana engoliu em seco. Bem, não pensava pedir desculpa. Não depois de todas as coisas terríveis que ele havia dito. Se ia correr com ela da carruagem, pois que o fizesse. Voltaria para casa a pé. E com muito orgulho.

Talvez alguém lhe indicasse a direção certa.

Abandonou o veículo e voltou-se, esperando ver a porta bater atrás de si. Em vez disso, ele seguiu-a, ignorando a sua presença ao mesmo tempo que subia os degraus do palacete mais próximo. A porta da frente abriu-se antes mesmo de ele chegar ao patamar.

Era como se as portas, à semelhança de tudo o resto, se inclinassem perante a sua vontade.

Ficou a vê-lo entrar no bem iluminado *foyer*, onde um enorme cão castanho correu pesadamente para lhe dar as boas-vindas com exuberante alegria.

Bem, podia dizer adeus à teoria segundo a qual os animais pressentiam a maldade.

Aquela reflexão fê-la sorrir, e o duque olhou para trás nesse mesmo instante, como se pudesse ler os seus pensamentos. A luz voltou a iluminar os seus caracóis loiros e angélicos quando disse:

— Ou entra ou sai, menina Fiori. É que assim está a dar-me cabo da paciência.

Juliana abriu a boca para retorquir, contudo, ele já tinha desaparecido. Assim, optou pelo caminho menos problemático.

Ou, pelo menos, pelo caminho que não resultaria a sua ruína num passeio por Londres a meio da noite.

Seguiu-o até ao interior da casa.

Quando a porta se fechou atrás de si e o laçao se apressou a seguir o seu senhor para onde quer que os laçaios e os senhores fossem, Juliana observou a bem iluminada entrada, contemplando o amplo *hall* forrado a mármore e os espelhos dourados cuja única função era tornar o espaço ainda maior. Havia meia dúzia de portas que levavam aqui e ali, e um comprido corredor escuro que conduzia ao interior do palacete

O cão encontrava-se sentado na base da ampla escadaria que dava acesso ao piso superior da casa e, sob o silencioso escrutínio canino, Juliana apercebeu-se com algum embaraço que se encontrava na residência de um homem.

Sem acompanhante.

Com a exceção de um cão.

Que também já revelara ser um péssimo avaliador do carácter humano.

A Callie não aprovaria. A sua cunhada alertara-a várias vezes para que evitasse situações como aquela, pois temia que os homens se aproveitassem de uma jovem italiana com escasso conhecimento das restrições britânicas.

— Enviei uma missiva a Ralston para que viesse buscá-la. Pode esperar na...

Juliana levantou a cabeça quando o duque se interrompeu. Ao olhá-lo nos olhos, viu que estes estavam encobertos por qualquer coisa que, se não o conhecesse, poderia confundir-se com bastante preocupação.

Mas conhecia-o bem.

— Na...? — insistiu, perguntando-se porque se dirigia o duque para ela em passos céleres e largos.

— Santo Deus. O que foi que lhe aconteceu?



— Foi atacada!

Juliana observou Leighton enquanto este deitava dois dedos de uísque num copo de cristal e depois se aproximava do lugar onde ela se encontrava sentada: num enorme cadeirão de pele no seu estúdio. Ofereceu-lhe a bebida e ela abanou a cabeça.

— Não, obrigada.

— Devia aceitar. Irá ajudá-la a acalmar-se.

Juliana fitou-o.

— Não preciso de me acalmar, Vossa Graça.

O duque semicerrou os olhos, e ela recusou-se a desviar o olhar do retrato da nobreza inglesa que ele representava, alto e com um ar de superioridade, de uma beleza quase insuportável e uma expressão de absoluta confiança — como se nunca na vida o tivessem contrariado.

Até àquele momento, pelo menos.

— Nega que a atacaram?

Juliana encolheu um ombro, mas não respondeu. O que podia ela dizer? O que poderia contar-lhe que ele não virasse contra ela? Afirmaria com o seu tom imperioso e autoritário que se ela se tivesse comportado como uma dama... se tivesse sido mais zelosa da sua reputação... se se tivesse comportado mais como uma inglesa e menos como uma italiana... então nada daquilo teria acontecido.

Ele tratá-la-ia como todos os outros.

Tal como acontecera a partir do momento em que descobrira a sua identidade.

— E isso importa? Tenho a certeza de que irá concluir que eu planeei tudo para caçar um marido. Ou qualquer outra coisa igualmente ridícula.

Pretendera censurá-lo com aquelas palavras. Não o conseguiu.

Em vez disso, ele observou-a dos pés à cabeça com um olhar demorado e frio. Observou o seu rosto e braços, cobertos de arranhões, o vestido arruinado, rasgado em dois sítios e sujo com sangue e terra provenientes das suas mãos esfoladas.

Um dos cantos da sua boca estremeceu num gesto provocado seguramente pela repugnância e Juliana não conseguiu evitar dizer:

— Uma vez mais provo ser indigna da sua presença, não é verdade, Vossa Graça?

Mordeu a língua, desejando ter estado calada.

O duque fitou-a.

— Não foi isso que eu disse.

— Não precisava de o fazer.

Leighton bebeu o uísque de um trago no preciso instante em que alguém batia à porta apenas encostada. Sem desviar os olhos dela, o duque resmungou:

— O que é?

— Trouxe as coisas que me pediu, Vossa Graça. — Um criado entrou no estúdio com uma bandeja onde podia ver-se uma bacia, pensos e vários frascos de diferentes tamanhos. Pousou-a sobre uma mesa baixa.

— É tudo.

O criado fez uma vénia e abandonou a sala ao mesmo tempo que Leighton se dirigia para a bandeja. Pegou numa toalha de linho e mergulhou uma das pontas na bacia.

— Não lhe agradeceu.

Leighton fitou-a surpreendido.

— Os acontecimentos desta noite não me deixaram propriamente agradecido.

Juliana ficou tensa ao escutar o seu tom de voz e a acusação implícita naquelas palavras.

Bem. Ela também sabia ser difícil.

— Ainda assim, ele prestou-lhe um serviço. — Fez uma pausa dramática. — Não agradecer torna-o grotesco.

O duque demorou alguns segundos a compreender o que ela queria dizer.

— Grosseiro.

Ela agitou a mão.

— Ou isso. Um homem diferente ter-lhe-ia agradecido.

Leighton aproximou-se dela.

— Não quer dizer um homem melhor?

Juliana esbugalhou os olhos, pondo uma expressão de fingida inocência.

— Nem pensar. Afinal, é um duque. Tenho a certeza de que não existe ninguém melhor do que Vossa Graça.

As palavras eram um golpe certo. E, depois das coisas terríveis que ele lhe tinha dito na carruagem, bem que o merecia.

— Uma mulher diferente dar-se-ia conta de que está em dívida para comigo e teria mais cuidado com as suas palavras.

— Não quererá dizer uma mulher melhor?

Ele não respondeu, limitando-se a sentar-se diante dela e a estender uma das mãos com a palma para cima.

— Dê-me as suas mãos.

Juliana levou ambas as mãos ao peito, receosa.

— Porquê?

— Estão esfoladas e ensanguentadas. Deixe-me desinfetá-las.

Não queria que ele lhe tocasse. Não confiava em si própria.

— Não é necessário.

Leighton deixou escapar um suspiro grave e frustrado, aquele som fazendo-a arrepiar.

— É verdade aquilo que dizem acerca dos italianos.

Ela ficou tensa ao ouvir aquilo, antecipando um insulto.

— Que somos superiores em tudo?

— Que são incapazes de admitir a derrota.

— Uma característica que foi bastante útil a César.

— E como vai o Império Romano atualmente?

O tom casual e superior deixou-a com vontade de gritar. Epítetos. Na sua língua materna.

Que homem insuportável.

Fitaram-se durante um interminável minuto, nenhum dos dois com vontade de ceder, até que o duque tomou a palavra.

— O seu irmão chegará a qualquer momento, menina Fiori. E ficará suficientemente furioso mesmo sem ver as suas mãos ensanguentadas.

Juliana semicerrou os olhos e fixou a sua atenção nas mãos do duque, largas e ressumando força. Ele tinha razão, claro. Não tinha outro remédio que não fosse dar-se por vencida.

— Vai doer. — Aquelas palavras foram a única advertência antes de ele lhe percorrer suavemente a palma da mão com o polegar, examinando a pele maltratada e já com uma crosta de sangue. Ela aspirou o ar ao sentir o toque.

Leighton levantou a cabeça ao escutar o som.

— Desculpe.

Juliana não respondeu, fazendo de conta estar a observar a outra mão.

Não ia permitir que ele percebesse que não havia sido uma dor que a fizera arquejar.

Já era uma coisa que esperava: a inegável e inoportuna reação que ameaçava tomar conta dela de cada vez que o via. Que se fazia notar sempre que ele estava por perto.

Era aversão. Tinha a certeza.

Negava-se a considerar qualquer outra possibilidade.

Na tentativa de realizar uma fria avaliação da situação, Juliana olhou para as mãos do duque, quase entrelaçadas nas suas. A temperatura do estúdio aumentou subitamente. As mãos de Leighton eram enormes, e ela estava maravilhada com os seus dedos: compridos, com unhas perfeitamente arranjadas e cobertos por um fino velo dourado.

Ele passou delicadamente um dedo pela feia nódoa negra que aparecia no seu pulso e, quando ela levantou a cabeça, viu que o duque olhava fixamente para a pele arroxeadada.

— Vai dizer-me quem lhe fez isto.

Havia uma fria certeza naquelas palavras, como se esperasse que Juliana obedecesse à sua ordem para que ele, por sua vez, lidasse com a situação. Contudo, Juliana não se deixava enganar. Aquele homem não era nenhum cavalheiro. Era um dragão. O líder de todos os dragões.

— Diga-me, Vossa Graça, como é acreditar que a sua vontade só existe para ser obedecida?

O duque fitou-a com irritação.

— Dir-me-á, menina Fiori.

— Não, não o farei.

Juliana voltou uma vez mais a sua atenção para as mãos de ambos. Não era todos os dias que a faziam sentir-se delicada — excedia em altura quase todas as mulheres e grande parte dos homens de Londres —, mas, ao lado daquele homem, sentia-se pequena. O seu polegar era pouco maior do que o dedo mindinho dele, aquele que exibia o anel com sinete — prova do seu título.

Um lembrete da sua relevância social.

E da sua fraca relevância, por comparação.

Juliana ergueu o queixo depois daquele pensamento e sentiu-se invadida por uma onda de raiva, orgulho e humilhação. Nesse preciso instante, ele roçou a pele esfolada com a toalha húmida.

A jovem aproveitou a distração que a dor lhe proporcionava para sibilar um indecoroso insulto em italiano.

O duque não parou o que estava a fazer enquanto dizia:

— Não sabia que esses dois animais podiam fazer tal coisa juntos.

— É falta de educação pôr-se à escuta.

Ele arqueou uma sobrancelha loira.

— É difícil não ouvir quando se encontra a poucos centímetros da minha pessoa e a gritar o seu mal-estar.

— As senhoras não gritam.

— Pois parece-me que as senhoras italianas gritam. Principalmente, quando recebem tratamento médico.

Juliana viu-se obrigada a conter um sorriso.

Ele não era engraçado.

O duque inclinou ainda mais a cabeça e concentrou-se na sua tarefa, enxaguando a toalha de linho na bacia de água limpa. Juliana estremeceu quando sentiu o pano fresco sobre a mão esfolada, e ele titubeou antes de prosseguir.

Aquela pausa momentânea deixou-a intrigada. O Duque de Leighton não era famoso pela sua compaixão, mas sim pela sua arrogante indiferença e a jovem ficou surpreendida por vê-lo realizar uma tarefa tão baixa como limpar a terra das suas mãos.

— Porque é que faz isto? — perguntou quando ele voltou a molhar a toalha de linho.

Leighton não parou o que estava a fazer.

— Já lhe expliquei. O seu irmão já vai ficar possesso quando a vir. Não precisa, para além disso, de a ver sangrar para cima do vestido e da minha mobília.

— Não. — Ela abanou a cabeça. — Quero dizer, está a fazer isto *pessoalmente*? Não possui um batalhão de criados dispostos a realizar as tarefas mais desagradáveis?

— Sim.

— E?

— Os criados falam, menina Fiori. Preferia que poucas pessoas soubessem que está aqui, sozinha, a esta hora.

Ela não passava de um incómodo para ele. Nada mais.

Após um prolongado silêncio, ele olhou-a nos olhos.

— Discorda?

Juliana recuperou rapidamente.

— Nem pensar. Surpreende-me apenas que um homem com a sua fortuna e proeminência tenha criados com tendência para o mexerico. Imaginava que já teria encontrado uma forma de os despojar do desejo de socializar.

O duque fez uma expressão desapontada, e abanou a cabeça.

— Apesar de eu estar a ajudá-la, não perde uma oportunidade para me ofender.

Quando Juliana respondeu, fê-lo num tom sério e sincero.

— Perdoe-me se me mostro pouco digna da sua boa vontade, Vossa Graça.

Com os lábios desenhando uma linha, ele alcançou-lhe a outra mão e repetiu todo o processo de limpeza. Observaram ambos enquanto ele eliminava todo o sangue seco e a areia da palma da mão, revelando a pele rosada que iria demorar alguns dias até sarar por completo.

Os seus movimentos eram suaves, mas firmes, e o roçar do linho molhado na pele raspada tornou-se mais tolerável à medida que as feridas iam ficando limpas. Juliana fixou-se num dos caracóis loiros que pendia junto ao sobrolho dele. O seu semblante era sempre tão austero e impassível, tal como as estátuas de mármore do seu irmão.

Juliana sentiu-se invadida por um desejo familiar, um anseio que sempre a dominava quando ele estava por perto.

O desejo de partir a fachada.

Já o surpreendera duas vezes sem ela.

E depois ele descobrira quem ela era — a meia-irmã italiana de um dos libertinos mais famosos do país, a filha quase ilegítima de uma marquesa caída em desgraça e de um comerciante, criada bem longe de Londres e dos seus costumes, tradições e regras.

O oposto de tudo o que ele representava.

A antítese de tudo o que ele considerava mais importante no mundo.

— O meu único objetivo é fazê-la chegar a casa inteira, sem que ninguém, para além do seu irmão, saiba da sua pequena aventura desta noite.

O duque largou o pano de linho na água rosada da bacia e pegou num dos pequenos frascos da bandeja. Abriu-o, libertando o aroma a alecrim e a limão, e voltou a pegar-lhe nas mãos.

Desta vez, Juliana entregou-as de boa vontade.

— Não espera que eu acredite que está preocupado com a minha reputação?

Leighton mergulhou a ponta de um dedo no conteúdo do frasco e aplicou o unguento com todo o cuidado sobre as feridas. O remédio acalmou a sensação de ardor, deixando uma agradável sensação refrescante por onde os seus dedos passavam. O resultado foi a terrível ilusão de que o toque dele era o arauto que anunciava a chegada do prazer balsâmico que acalmava a sua pele.

Coisa que não era.

Nem pensar.

Conteve o suspiro antes que este a envergonhasse. Ainda assim, ele ouviu-o. Aquela sobranceira loira voltou a arquear-se, e Juliana sentiu um enorme desejo de a rapar.

Libertou de imediato a mão e ele não tentou impedi-la.

— Não, menina Fiori. De facto, não estou preocupado com a sua reputação.

Claro que não estava.

— Preocupa-me a minha.

A implicação de que ser encontrado com ela — ver-se relacionado com ela de que maneira fosse — poderia dar cabo da reputação dele, era dolorosa. Porventura, até mais do que a dor que as feridas nas mãos lhe haviam provocado.

Juliana respirou fundo, preparando-se para a ronda seguinte da batalha verbal, quando se viu interrompida por uma voz furiosa procedente da entrada.

— Se não tirares imediatamente as mãos de cima da minha irmã, Leighton, a tua preciosa reputação será o menor dos teus problemas na vida.

Capítulo 2



Existe uma razão para as saias serem compridas e os atacadores das botas serem complexos.

As damas requintadas não mostram os pés. Nunca.

Tratado sobre as Damas Mais Requintadas

Parece que os libertinos reformados têm dificuldade em lidar com os seus deveres fraternais...

The Scandal Sheet, outubro de 1823

Era bem possível que o Marquês de Ralston tivesse a intenção de o matar.

Não que Simon tivesse algo a ver com o estado da rapariga.

A culpa não era dele que ela tivesse entrado na sua carruagem depois de ter batalhado com, daquilo que podia adivinhar, um arbusto espinhoso, o empedrado das cavaliças de Ralston, e uma esquina da sua carruagem.

E com um homem.

Simon Pearson, décimo primeiro Duque de Leighton, ignorou a raiva que ameaçou tomar conta dele ao pensar na nódoa negra em redor do pulso da rapariga e voltou a sua atenção para o irado irmão da mesma que, naquele momento, percorria o perímetro do estúdio como um animal enjaulado.

O marquês deteve-se diante da irmã e recuperou a voz.

— Por amor de Deus, Juliana. Que raio aconteceu contigo?

Aquela linguagem teria feito qualquer outra mulher corar. Juliana nem sequer pestanejou.

— Caí.

— Caíste.

— Sim. — Fez uma pausa. — Entre outras coisas.

Ralston olhou para o teto como se implorasse por paciência. Simon compreendeu o seu desespero. Também ele tinha uma irmã que, por várias vezes, o deixara a sentir-se frustrado.

E a irmã de Ralston era mais exasperante do que qualquer mulher que ele alguma vez conhecera.

E também mais bela.

Ele ficou tenso com aquele pensamento.

Claro que era bela. Isso era um facto empírico. Mesmo naquele vestido sujo e rasgado, ela envergonhava a maioria das mulheres de Londres. Era uma maravilhosa mistura de delicadeza inglesa — pele de porcelana, olhos azuis, nariz perfeito e queixo insolente — e exotismo italiano, com aqueles revoltosos caracóis negros, os lábios carnudos e curvas generosas que um homem só poderia estar morto para não notar.

E, afinal, ele não estava morto.

Apenas não estava interessado.

Uma visão invadiu-lhe a mente.

Juliana nos seus braços, elevando-se na ponta dos pés e encostando os lábios aos dele.

Esforçou-se por afastar aquela imagem da sua cabeça. Resistir-lhe.

Ela era também descarada, impertinente, impulsiva, um íman que atraía todo o tipo de problemas, e precisamente o tipo de mulher da qual desejava manter-se afastado.

E, por isso, claro que o diabo da mulher tinha de se ter enfiado na sua carruagem.

Simon suspirou, endireitando a manga do seu casaco e concentrando a sua atenção no quadro que se desenrolava à sua frente.

— E como foi que ficaste com os braços e o rosto arranhados?

— Ralston insistia. — Parece que atravessaste uma roseira!

Juliana inclinou a cabeça.

— Sou capaz de o ter feito.

— *Capaz?* — Ralston deu um passo na direção dela e Juliana levantou-se para enfrentar o irmão cara a cara. Aquela não era uma dama incauta.

Era invulgarmente alta para mulher. Não era todos os dias que Simon encontrava uma mulher com a qual não tinha de se inclinar para conversar.

A cabeça dela dava-lhe pelo nariz.

— Bem, estava bastante ocupada, Gabriel.

Havia qualquer coisa na forma prosaica com que ela proferira aquelas palavras que fez Simon rir, chamando a atenção para a sua pessoa.

Ralston virou-se para o duque.

— Oh, se eu fosse a ti não me ria muito, Leighton. A minha vontade é desafiar-te para um duelo à conta da tua participação na farsa desta noite.

O duque fitou-o incrédulo.

— Desafiar-me? A *mim*? Mas a única coisa que eu fiz foi evitar a ruína da tua irmã.

— Então talvez devesse explicar-me o que faziam os dois sozinhos no teu estúdio com as mãos amorosamente entrelaçadas?

Simon compreendeu de imediato o que Ralston estava a insinuar. E não gostou.

— O que estás a tentar sugerir, Ralston?

— Apenas que já se pediram licenças especiais por muito menos.

Simon fitou o marquês com os olhos semicerrados, um homem que ele mal tolerava num dia bom. E aquele não estava a ser um dia bom.

— Não vou casar com a rapariga.

— Nem penses que me caso com ele! — exclamou ela ao mesmo tempo.

Bem, ao menos estavam de acordo em alguma coisa.

Espera lá.

Ela não queria casar-se com *ele*? E onde iria ela encontrar um melhor partido? Ele era duque, por amor de Deus! E ela, um escândalo ambulante.

A atenção de Ralston estava de novo centrada na irmã.

— Se continuas com esse comportamento ridículo, casarás com quem eu disser, minha irmã.

— Prometeste... — começou ela.

— Sim, bem, quando te fiz essa promessa não tinhas por hábito ser abordada em jardins. — Havia impaciência no tom de Ralston.

— Quem te fez isso?

— Ninguém.

A resposta, demasiado rápida, exasperou-o. Porque é que ela se negava a revelar a identidade do seu atacante? Talvez não desejasse abordar um assunto tão pessoal diante de Simon, mas porque não com o seu irmão?

Porque é que não permitia que o culpado recebesse o castigo que merecia?

— Não sou idiota, Juliana. — Ralston recomeçou a andar de um lado para o outro. — Porque é que não me dizes?

— Tudo o que precisas de saber é que me defendi dele.

Ambos os homens petrificaram. Simon não conseguiu resistir a perguntar:

— Defendeu-se de que modo?

Juliana fez uma pausa, segurando o pulso maltratado de uma forma que o levou a pensar se o teria torcido.

— Bati-lhe.

— Onde? — quis saber Ralston.

— No jardim.

O marquês olhou para o teto, e Simon teve pena dele.

— Creio que o seu irmão está a perguntar em que parte do corpo atingiu o seu atacante.

— Ah. No nariz. — Instalou-se um silêncio prolongado provocado pelo aturdimento geral e, logo depois, Juliana argumentou num tom defensivo: — Ele mereceu!

— Podes crer que mereceu, raios — concordou Ralston. — Agora diz-me o nome dele e eu tratarei de acabar com ele.

— Não.

— Juliana, o golpe de uma mulher não é castigo suficiente para uma ofensa tão grave.

Ela fitou o irmão com os olhos semicerrados.

— Ai, não? Pois deixa-me que te diga que o mero golpe de uma mulher provocou uma considerável hemorragia, Gabriel.

Simon pestanejou.

— Deixou-o a sangrar do nariz.

Juliana esboçou um sorriso presumido.

— E isso não foi tudo o que fiz.

Claro que não.

— Temo perguntar... — disse Simon.

Ela olhou primeiro para ele e em seguida para o irmão. *Estava ela a corar?*

— O que foi que fizeste?

— Eu... atingi-o... noutro lado.

— Onde?

— Na... — Juliana hesitou, fazendo uma careta ao mesmo tempo que procurava a palavra em inglês. Não tardou a desistir. — Na *inguine*.

Se o duque não soubesse italiano na perfeição, o movimento circular da mão dela sobre a zona considerada imprópria como tema de conversa para uma jovem do seu nível social não teria deixado margem para dúvidas.

— Oh, santo Deus. — Nenhum dos presentes compreendeu se as palavras do irmão de Juliana pretendiam ser uma oração ou uma blasfêmia.

Ficou bem claro que aquela mulher era uma gladiadora.

— Ele chamou-me pera! — anunciou, uma vez mais na defensiva. Depois calou-se. — Espera. Não é isso.

— Pega?

— Sim! Foi isso! — Viu o irmão cerrar os punhos e depois olhou para Simon. — Estou a ver que não se trata de um elogio.

O duque teve dificuldade em ouvir por causa do zumbido nos seus ouvidos. Também ele gostaria de esmurrar aquele homem.

— Não. Não é.

Juliana pensou por instantes.

— Bem, então mereceu tudo o que recebeu, não é assim?

— Leighton — disse Ralston, finalmente —, há algum sítio onde a minha irmã possa esperar enquanto tu e eu conversamos?

Soaram campainhas de aviso, bem sonoras.

Simon levantou-se e fez um esforço para se acalmar.

— Claro.

— Vais falar de mim — atirou Juliana.

Mas aquela mulher *alguma* vez guardaria um pensamento só para ela?

— Vou, sim — confessou Ralston.

— Gostaria de participar.

— Tenho a certeza de que sim.

— Gabriel... — começou ela num tom tranquilizador, que o duque só escutara antes dirigido a cavalos selvagens e a pacientes de manicómios.

— Não abuses da sorte, minha irmã.

Juliana calou-se, e Simon observou atônito como ela matutava no passo seguinte. Por fim, encarou-o, os seus brilhantes olhos azuis faiscando de irritação.

— Vossa Graça, onde planeia depositar-me enquanto tratam de assuntos de homens?

Incrível. Aquela mulher oferecia resistência a tudo.

Simon encaminhou-se para a porta e acompanhou-a até ao pátio de entrada, apontando para uma porta mesmo em frente.

— Na biblioteca. Por favor, fique à vontade.

— Humm. — O som foi seco e mal-humorado.

Simon conteve um sorriso, incapaz de resistir a provocá-la uma última vez.

— Permita-me que lhe diga que fico muito satisfeito por ver que finalmente reconheceu a derrota.

Ela voltou-se para o duque e deu um passo em frente, o seu peito ficando a escassos centímetros do dele. O ar ficou mais pesado entre eles, e Simon foi inundado pelo perfume dela; a groselha e manjerição. Era o mesmo perfume que havia sentido há meses, antes de descobrir a sua verdadeira identidade. *Antes de tudo ter mudado.*

Resistiu à tentação de olhar para a extensão de pele por cima do generoso decote do vestido verde e deu um passo atrás.

A rapariga não tinha o menor sentido do decoro.

— Posso admitir derrota na batalha, Vossa Graça. Mas nunca na guerra.

Ficou a vê-la atravessar o vestíbulo e a entrar na biblioteca. Quando ela fechou a porta, o duque abanou a cabeça.

Juliana Fiori era um desastre prestes a acontecer.

Era um milagre que tivesse sobrevivido meio ano em Londres.

Era um milagre que Londres tivesse sobrevivido meio ano com ela.

— Derrubou-o com uma joelhada nos... — comentou Ralston, quando Simon regressou ao estúdio.

— É o que parece — retorquiu ele, fechando a porta e assegurando-se de que estava trancada, como se desse modo pudesse manter afastada a problemática mulher.

— Que diabo vou eu fazer com ela?

Simon pestanejou uma vez. Ele e Ralston mal se toleravam. Se não fosse a amizade que nutria pelo irmão gêmeo do marquês, nem sequer dirigiriam a palavra um ao outro. Ralston sempre fora um imbecil. Ele não estava realmente a pedir ao Simon um conselho, pois não?

— Oh, por amor de Deus, Leighton, era uma pergunta retórica. Nunca me ocorreria pedir-te conselhos. Principalmente acerca de irmãs.

A seta atingiu o alvo, e Simon indicou-lhe sem evasivas onde poderia ir procurar conselhos.

O marquês deixou escapar uma gargalhada.

— Muito melhor. Começava a ficar preocupado que te tivesses transformado num bom anfitrião. — Aproximou-se do aparador e deitou três dedos de um líquido ambarino para um copo. Voltando-se para trás, ofereceu: — Uísque?

Simon voltou a sentar-se, dando-se conta de que aquela noite podia ainda ser longa.

— Que oferta tão generosa — disse num tom seco.

Ralston entregou-lhe o copo e sentou-se.

— Agora diz-me: como foi que a minha irmã veio parar à tua casa a meio da noite.

Simon deu um gole prolongado na bebida, apreciando o ardor do álcool na garganta.

— Já te expliquei. Ela estava na minha carruagem quando saí do teu baile.

— E porque é que não me alertaste de imediato para essa situação?

Era uma pergunta bastante justa. Simon rodopiou o líquido no interior do copo ao mesmo tempo que pensava. Porque é que ele não fechara a porta da carruagem e fora chamar Ralston?

A rapariga era comum e impossível e representava tudo o que ele detestava numa mulher.

Mas era fascinante.

Dera-se conta disso no dia em que a conhecera; naquela maldita livraria onde ela se encontrava a comprar um livro para o irmão.

E depois haviam-se voltado a encontrar na Royal Art Exhibition. Onde ela o tinha levado a acreditar...

— Não se importava de me dizer o seu nome? — perguntara ele, disposto a não a perder novamente. As semanas após o encontro na livraria tinham-lhe parecido intermináveis. Ela enrugara os lábios, num beicinho perfeito, e ele intuía a vitória. — Eu apresento-me primeiro. Chamo-me Simon.

— Simon. — Adorara ouvir o seu nome dito por ela, o nome que não usava publicamente há décadas.

— E qual é o seu, minha senhora?

— Oh, creio que isso estragaria toda a diversão. — Ela fizera uma pausa, o seu brilhante sorriso iluminando a sala. — Não concorda, Vossa Graça?

Ela já sabia que ele era duque. Deveria ter suspeitado nesse momento que algo não estava bem. Porém, em vez disso, ficara como que hipnotizado. Abanando a cabeça, aproximara-se dela lentamente e ela retrocedera aos poucos, para manter a distância entre ambos, e o jogo cativara-o.

— Ora, isso é injusto.

— A mim parece-me mais do que justo. Sou apenas melhor detetive. Ele fez uma pausa, matutando.

— É o que me parece. Talvez devesse adivinhar a sua identidade? Ela sorriu.

— Esteja à vontade.

— É uma princesa italiana numa visita diplomática ao rei, na companhia do seu irmão.

Ela inclinara a cabeça, da mesma maneira que o havia feito naquela noite enquanto conversava com o irmão.

— Talvez.

— Ou a filha de um conde veronês, a passar aqui a primavera, desejosa de experienciar a lendária temporada londrina.

Ela rira nessa altura, o som das suas gargalhadas fazendo-lhe lembrar raios de sol.

— Que dececionante que faça do meu pai apenas um conde. Porque não um duque? Como Vossa Graça?

Ele sorriera.

— Um duque, então. — E acrescentara em voz baixa: — Isso tornaria as coisas muito mais fáceis.

Levara-o a acreditar que era mais do que uma enfadonha plebeia.

Coisa que, obviamente, não era.

Sim, deveria ter ido chamar Ralston no instante em que vira aquela tola rapariga no chão da sua carruagem, encolhida a um canto como se fosse mais pequena, como se pudesse esconder-se dele.

— Se tivesse ido alertar-te, como achas que teria terminado tudo?

— Ela estaria neste momento a dormir placidamente na sua cama; era assim que teria terminado.

Simon ignorou a visão de Juliana a dormir, o seu negro cabelo comprido espalhado pelo lençol branco de linho, a sua pele dourada aparecendo por baixo do decote da camisa de noite. *Se é que dormia com uma camisa de noite.*

O duque pigarreou.

— E se ela tivesse saído da minha carruagem diante de todos os convidados da Ralston House? Como seria depois?

Ralston fez uma pausa, ensimesmado.

— Bem, nesse caso suponho que teria ficado com a reputação arruinada. E tu estarias a preparar-te para uma vida de felicidade matrimonial.

Simon deu outro trago na bebida.

— Nesse caso, suponho que tenha sido melhor para todos eu ter agido como agi.

Ralston semicerrou os olhos.

— Não é a primeira vez que resistes à ideia de casar com a minha irmã, Leighton. Começo a pensar nisso se fosse uma ofensa pessoal.

— A tua irmã e eu nunca faríamos um bom par, Ralston. E tu sabes bem disso.

— Não conseguirias controlá-la.

Simon fez um esgar. Não havia um único homem em Londres capaz de a dominar.

Ralston sabia-o.

— Ninguém querará casar com ela. É demasiado atrevida. Demasiado impaciente. O oposto das jovens inglesas. — Fez uma pausa, e Simon interrogou-se se o marquês estaria à espera de que ele

discordasse. Não tinha a menor intenção de o fazer. — Ela diz o que lhe vem à cabeça sem a menor consideração por quem está à sua volta. Faz sangrar os narizes de homens incautos! — Aquele último comentário foi feito num tom descrente.

— Bem, para sermos justos, eu diria que o homem desta noite bem que o mereceu.

— Sim, concordo. — Ralston calou-se, pensando por momentos. — Não deve ser difícil encontrá-lo. Não deve haver por aí muito aristocratas com o lábio inchado.

— E ainda menos a coxear por causa do outro golpe — disse Simon com ironia.

Ralston abanou a cabeça.

— Com quem e onde terá ela aprendido essa tática?

Com os lobos que certamente a criaram desde pequena.

— Nem me atrevo a especular.

O silêncio instalou-se na sala e, após alguns minutos, Ralston pôs-se de pé com um suspiro.

— Não gosto de estar em dívida para contigo.

Simon esboçou um sorriso ao ouvir aquela confissão.

— Considera então que estamos pagos.

O marquês anuiu e dirigiu-se para a porta. Quando lá chegou, virou-se para trás.

— É uma sorte que este outono haja uma sessão especial, não achas? Isso mantém-nos a todos longe do campo.

Simon enfrentou o olhar conhecedor de Ralston. O marquês não disse aquilo que ambos sabiam — que Leighton utilizara todo o seu poder para a aprovação urgente de um projeto de lei que podia facilmente ter esperado até à sessão de primavera do Parlamento.

— A prontidão militar é um assunto importante — comentou Simon com uma calma intencional.

— Claro que sim. — Ralston cruzou os braços e encostou-se à porta. — E o Parlamento é uma boa maneira de esquecer as irmãs, não é verdade?

Simon semicerrou os olhos.

— Nunca foste de rodeios, Ralston. Não é necessário começares agora.

— Suponho que não me ajudarias com a Juliana?

Simon ficou como que petrificado, o pedido pairando entre eles.

Diz-lhe simplesmente que não.

— Que tipo de ajuda?

Isso não é bem um «Não», Leighton.

Ralston arqueou uma sobrancelha.

— Não te estou a pedir que cases com ela. Tem calma. Dava-me jeito mais um par de olhos a vigiá-la. Quero dizer, ela não pode sequer ir ao jardim da própria casa sem ser atacada por homens não identificados.

Simon lançou um olhar frio a Ralston.

— Quer-me parecer que o universo te está a castigar com uma irmã que causa tantos sarilhos como tu fazias.

— És capaz de ter razão. — Instalou-se um silêncio pesado.

— Sabes o que pode acontecer-lhe, Leighton.

Já o viveste.

Embora as palavras não tivessem sido ditas, Simon ouviu-as.

Ainda assim, a resposta é não.

— Perdoa-me por não estar interessado em fazer-te um favor, Ralston.

Muito melhor.

— Também estarias a fazer um favor ao St. John — acrescentou o marquês, invocando o nome do seu irmão gémeo; o gémeo bom. — Poderia recordar-te que a minha família dedicou bastante energia a cuidar da *tua* irmã, Leighton.

Ali estava.

O insuportável peso do escândalo, tão poderoso que era capaz de mover montanhas.

Ele não apreciava ter uma debilidade tão óbvia.

E só iria piorar.

Durante alguns instantes, Simon não se atreveu a dizer nada. Por fim, anuiu com um meneio de cabeça.

— Parece-me justo.

— Podes imaginar o quanto detesto ter de te pedir ajuda, duque, mas pensa no quanto irás apreciar esfregar-me esse facto na cara pelo resto das nossas vidas.

— Confesso que esperava não ter de aguentar-te durante tanto tempo.

Ralston riu-se.

— És um filho da mãe insensível. — Avançou até às costas do cadeirão que ocupara minutos antes. — Então, estás preparado? Quando é que a notícia se vai tornar pública?

Simon não fez de conta não entender. Ralston e St. John eram os únicos dois homens a par do segredo mais negro do duque. Aquele que poderia destruir a sua família e a sua reputação quando fosse revelado.

Aquele que, mais cedo ou mais tarde, haveria de se saber.

Alguma vez estaria preparado?

— Ainda não. Mas estarei, em breve.

Ralston fitou-o com os seus olhos azuis e frios que fizeram Simon pensar em Juliana.

— Sabes que ficaremos do teu lado.

Simon deixou escapar uma gargalhada desprovida de humor.

— Vais desculpar-me por não depositar grandes esperanças no peso do apoio da tua família.

Ralston arqueou um dos cantos da boca.

— Somos uma família um pouco heterogénea, mas compensamos com uma grande tenacidade.

Simon pensou na mulher na sua biblioteca.

— Disso não duvido.

— Suponho que planeias casar.

Simon parou a meio o movimento de levar o copo à boca.

— Como sabias?

O sorriso transformou-se num esgar de reconhecimento.

— Praticamente todos os problemas podem ser resolvidos com uma visita ao vigário. Em especial o teu. Quem é a felizarda?

Simon ainda considerou mentir. Fazer de conta que não a tinha escolhido. Mas toda a gente saberia, em breve.

— Lady Penelope Marbury.

Ralston soltou um assobio prolongado e baixo.

— Filha de um duplo marquês. Impecável reputação. De uma longa geração de alta linhagem. A santa trindade de um casamento desejável. E com uma bela fortuna. Uma excelente escolha.

Não era nada que Simon não tivesse já pensado, claro, mas ouvi-lo da boca de outra pessoa enchia-o de orgulho.

— Não me agrada ouvir-te falar dos méritos da minha futura duquesa como se ela fosse gado premiado.

Ralston inclinou-se para a frente.

— Peço desculpa. Fiquei com a impressão de que terias escolhido a tua futura duquesa como se fosse gado premiado.

Aquela conversa estava a deixá-lo desconfortável. Era verdade. Não ia desposar Lady Penelope por nenhuma outra razão que não fosse pela sua impecável linhagem.

— Afinal, ninguém acreditaria que o grande Duque de Leighton se casaria por amor.

Simon não apreciou o toque de sarcasmo no tom de Ralston. Claro que o marquês sempre soubera como irritá-lo. Desde que eram crianças. Simon levantou-se, desejoso de se mover.

— Vou buscar a tua irmã, Ralston. Está na hora de a levares para casa. E agradecia que, de futuro, mantivesses os teus dramas familiares longe da minha porta.

Aquelas palavras soaram arrogantes até aos seus ouvidos.

Ralston endireitou-se devagar, elevando-se quase à altura de Leighton.

— Farei os possíveis. Afinal, também já tens problemas familiares que te cheguem... e prestes a rebentarem à tua porta, não é verdade?

Não havia nada em Ralston que agradasse a Simon.

Era bom que nunca o esquecesse.

Saiu do estúdio e dirigiu-se para a biblioteca, abrindo a porta com mais ímpeto do que o necessário e estacando à entrada.

Juliana encontrava-se a dormir no seu cadeirão.

Com o seu cão.

A poltrona que ela escolhera era uma das que mais trabalho lhe dera até obter o adequado nível de comodidade. O seu mordomo alertara vezes sem conta para a necessidade de voltar a estofá-la, em parte devido, Simon imaginava, ao tecido já demasiado frágil e suave que ele considerava um dos melhores atributos do móvel. Percorreu com o olhar a figura adormecida da Juliana, a face arranhada apoiada contra os suaves fios dourados do gasto tecido. Tinha descalçado os sapatos e encaixado os pés por baixo do corpo, e Simon abanou a cabeça perante tal comportamento. Nenhuma dama de Londres se atreveria a andar descalça na privacidade da sua própria casa e, ali estava ela, completamente à vontade e a fazer uma sesta na biblioteca de um duque.

Dedicou uns minutos a contemplá-la, a apreciar como encaixava perfeitamente no seu cadeirão. Era maior do que a maioria das poltronas, feito especialmente para ele há 15 anos, quando, cansado de se encaixar em cadeiras minúsculas que a sua mãe considerava «a última moda», decidira que, enquanto duque, tinha o direito de gastar uma fortuna num cadeirão feito à medida do seu corpo. Era suficientemente largo para ele se sentar comodamente e ainda tinha espaço de sobra para a constante pilha de papéis que requeriam a sua atenção, ou, como era o caso naquele momento, para um cão à procura de um corpo quente.

O cão, um rafeiro castanho que se metera no quarto da irmã num dia de inverno, agora viajava com Simon e instalava-se onde quer que o duque estivesse. O cão gostava particularmente da biblioteca do palacete, com as suas três lareiras e o mobiliário confortável, e era evidente que acabara de fazer uma amiga. *Leopold* encontrava-se enrolado numa bola junto a uma das compridas coxas de Juliana.

Coxas que Simon não devia estar a observar.

A traição do cachorro era um tema que Simon decidiu deixar para outra altura.

Naquele momento tinha de lidar com a dama.

— *Leopold*. — O duque chamou o cão batendo na coxa, num gesto ensinado que fazia com que o animal viesse até ele em segundos.

Se ao menos essa estratégia resultasse com a rapariga.

Não, se dependesse de si, não a acordaria de forma tão brusca, mas com lentas e suaves carícias ao longo daquelas gloriosas pernas... Agachar-se-ia ao lado dela e faria desaparecer o rosto naquela mata de cabelo cor de ébano, bebendo o seu perfume, e depois passaria os lábios pelo belo ângulo do maxilar até chegar à curva macia do lóbulo da orelha. Aí sussurraria o nome dela, acordando-a com o seu alento e não com um som.

E depois terminaria o que ela havia começado meses antes.

E assim poderia trazê-la até si de uma forma completamente diferente do previsto.

Apertou as mãos para evitar que o corpo agisse de acordo com a sua imaginação. Não havia nada mais perigoso do que satisfazer aquele inoportuno desejo que sentia por aquela mulher impossível.

Só tinha de se recordar de que andava à procura da duquesa perfeita.

E a menina Juliana Fiori nunca poderia sê-lo.

Não importava quão bem ela ficava no seu cadeirão preferido.

Estava na hora de acordar a rapariga.

E mandá-la para casa.

«Tudo o que espera da superestrela Sarah MacLean pode, uma vez mais, encontrar neste seu novo livro: do enredo inteligente à empatia entre heroína e herói, dos credíveis personagens aos deliciosos momentos de romance, humor e sensualidade.»

BOOKLIST

Simon Pearson, duque de Leighton, foi educado para viver segundo rígidas convenções sociais, e preza muito a reputação e as boas maneiras. Sempre acreditou que não precisava de amar, mas apenas de casar como mandam as regras. Noivo de Lady Penelope, planeia ter um casamento perfeito, tal como a sociedade exige. E nada, nem ninguém, poderá pôr em causa as suas certezas e o seu plano.

Juliana Fiori é diferente de todas as outras jovens da sociedade londrina. Apaixonada, bonita, independente e sem medo do que pensem dela, é o tema principal de todas as conversas e mexericos. Quando um feliz acaso a aproxima de Simon, Juliana apaixonou-se perdidamente e sente que eles nasceram para ficar juntos. Agora só precisa de convencer o duque de que os opostos se atraem e de o ensinar a amar pela primeira vez.



APAIXONE-SE PELOS OUTROS ROMANCES DA AUTORA



TOPSELLER os livros em primeiro lugar	ISBN 978-989-8869-23-4  9 789898 869234
20 20 editora	Ficção Romântica